

Através da janela

por Alfredo Manevy

Através da Janela pretende ser um suspense de doses mínimas, destilando o drama gota a gota e propondo ao espectador uma asfixia. Um universo de mãe e filho, dois seres à margem, enclausurados num círculo vicioso impotência. Um material para uma asfixia cinematográfica de massas, em potencial.

No entanto, a asfixia termina por atacar mais o filme que o espectador. Baseado em um texto de contornos nitidamente teatrais, o roteiro não sofreria qualquer perda significativa se fosse totalmente encenado dentro de casa - como em *Um Céu de Estrelas*. Um texto

que - ao não acreditar na força da montagem, da direção de atores e da fotografia - pede para si o papel de protagonista, justamente num filme que necessitaria depender das outras etapas do processo. Os poucos momentos "de direção", de presença física dos atores e de uma câmera ativa e inteligente que foge do campo/contra campo em *close*, são aqueles que transformam o esquematismo melodramático do roteiro em imagens ruidosas e não raro agressivas.

Poderíamos então afirmar que mais uma boa diretora é vítima da

"ditadura do roteiro", que tem sido tônica no cinema brasileiro de dez anos para cá, e que vem provocando uma carência notável de idéias visuais na maioria dos filmes? Sim, mas não é só o roteiro que asfixia a direção. Há também um nítido deslumbramento técnico com as possibilidades de mixagem e edição de som. A edição de som expressionista é inteligente demais, viva demais, presente demais, num filme onde "menos" deveria ser "mais". A tempestade de ruídos não soma ao que se vê na tela, visto que a escolha espacial e a economia de



Fotos: RioFilme

Filme vive na asfixia

enquadramentos já sugere um ponto de vista narrativo subjetivado. A trilha sonora (inegavelmente bem composta) acaba roubando a cena, mas não necessariamente em prol do filme.

Quando a mãe chega e diz: "eu não gosto dessa bicicleta na sala, Rai!", o roteiro atropela um sentido já dado previamente pelo enquadramento, torna o visual um artigo supérfluo e, conseqüentemente, coloca em evidência a armação dos diálogos. A teatralidade se faz sentir e não propriamente para notarmos a vida entre mãe e filho como um teatro (o que seria uma hipótese interessante). Se, num primeiro momento, os estranhos desejos maternos prometem a ponta de um *iceberg* a ser desbravado, logo depois iremos descobrir que 1) não só não há *iceberg* como 2) estaremos tão condenados à monotonia quanto a pobre mãe.

A poltrona confortável do cinema, é bem verdade, remete à imagem do divã. Talvez o projeto de *Através da Janela* fosse ser "a mão que afaga o inconsciente" de uma geração de espectadores. Aqui, a imagem é sedutora mas acaba por se mostrar enganosa. A dramaturgia não substitui a terapia: os melhores escritos a partir da psicanálise (como os de Arthur Schnitzler, de quem Kubrick adaptou *De Olhos Bem Fechado*) são aqueles que associam diretamente a esfera dos desejos e fantasias à origem social dos personagens, e cujas narrativas oscilam entre adesão e

distanciamento. *Através da Janela* acaba remetendo mais ao teatro de Tennessee Williams, tal como foi levado ao cinema por uma geração de realizadores na década de 50 (como em *Gata em Teto de Zinco Quente*), encantados com a possibilidade de explicar o mundo através da psicanálise. Um cinema permeado de interpretações neuróticas, a discutir a cisão da família clássica: daí James Dean (mother, please!!!!), e Paul Newman, entre outros do primeiro Actor's Studio.

O que *Através da Janela* oferece como componente novo (não como brasilidade, visto que o substrato é universalizante), ou como aquilo que deveríamos entender como indicador de sua "modernidade", é uma nada sutil atração pela perversão dos seus protagonistas e

que, como postura narrativa, acaba se impondo sobre a malfadada tentativa final de frustrar o espectador. Sedução idiossincrática e que remete ao próprio título do filme - através da janela - e se materializa no olhar *voyeur* que o filme assume sobre vida privada de mãe e filho. Não à toa, rouba a cena a figura da vizinha, cujo ponto de vista não predomina, mas oferece ao filme alguns poucos momentos de frescor cômico.

Diante da perversão, ao não assumir uma distância nabokoviana, ou de se recusar a levar ao limite a encenação da perversão (a moda de Lynch, Cronenberg e Ferrara), o novo filme de Tata Amaral permanece num meio termo que termina por asfixiá-lo. Não à toa, a morte súbita.

